



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

SUZY KAMYLLA DE OLIVEIRA MENEZES

**MAPEAMENTO DOS GRUPOS DE PESQUISA DO CNPQ SOBRE ADOLESCÊNCIA E
JUVENTUDE EM PSICOLOGIA**

MACEIÓ

2020

SUZY KAMYLLA DE OLIVEIRA MENEZES

**MAPEAMENTO DOS GRUPOS DE PESQUISA DO CNPQ SOBRE ADOLESCÊNCIA E
JUVENTUDE EM PSICOLOGIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial à obtenção do grau de bacharela em Psicologia.

Orientadora: Paula Orchiucci Miura

MACEIÓ

2020

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

M543m Menezes, Suzy Kamylla de Oliveira.
Mapeamento dos grupos de pesquisa do CNPq sobre adolescência e juventude em psicologia / Suzy Kamylla de Oliveira Menezes. – 2020.
37 f. : il. color.

Orientadora: Paula Orchiucci Miura.
Monografia (Trabalho de conclusão de curso em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Psicologia. Maceió, 2020.

Bibliografia: f. 35-37.

1. Adolescente. 2. Psicologia. 3. Metassíntese (Pesquisa bibliográfica). I.
Título.

CDU: 159.9.072.43-053.6



FOLHA DE APROVAÇÃO

SUZY KAMYLLA DE OLIVEIRA MENEZES

**MAPEAMENTO DOS GRUPOS DE PESQUISA DO CNPQ SOBRE
ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE EM PSICOLOGIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial à obtenção do grau de bacharela em Psicologia.

Aprovado em 18 de fevereiro de 2020.

Banca examinadora

Prof.^a Dr.^a Paula Orchiucci Miura (Orientadora)

SIAPE 2206282

Prof.^a Dr.^a Adélia Augusta Souto de Oliveira/ IP (Avaliadora)

SIAPE 1121061

Dedico este trabalho à minha família, meu grande presente.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me guiar e dar discernimento para superar as dificuldades e trazer durante a minha jornada acadêmica pessoas que contribuíram para eu alcançar a realização de concluir o curso de Psicologia. Realizei um sonho que parecia, por vezes, difícil de concretizar.

Agradeço a minha mãe, Josineise, e meu pai, Agilson, pelo amor e todo incentivo ao longo da minha vida. Amo-os infinitamente e essa vitória dedico a vocês.

Agradeço à minha irmã, Samara, e meu irmão, Kenneth, pelo amor e apoio.

Agradeço ao meu esposo, Mario Diego, pelo apoio e pelo amor. Sua presença em minha vida me fortalece e compartilha a realização de meus sonhos.

Agradeço a minha orientadora, Paula Orchiucci Miura, pelas grandes contribuições em minha formação acadêmica. Seu apoio foi muito valioso e incentivador. Fico imensamente grata pela oportunidade de trabalhar em parceria. Admiro muito e só posso ficar feliz por cumprir essa etapa com uma profissional tão maravilhosa.

Agradeço a Adélia Augusta de Oliveira Souto pelo aceite em participar da avaliação deste trabalho. Além de ser grata pela parceria em pesquisa e todo aprendizado ao longo do curso que contribuíram muitíssimo na minha formação acadêmica. Minha profunda admiração e gratidão.

Agradeço a minha supervisora de estágio, Angelina Nunes de Vasconcelos, e ao meu supervisor de campo, Everton Calado, pelo apoio e contribuições preciosas na minha formação profissional.

Agradeço às professoras e aos professores do curso de Psicologia do Instituto de Psicologia, Campus A. C. Simões pelas contribuições e aprendizado ao longo do curso. Agradeço aos/às técnicos/as administrativos do curso de Psicologia do Instituto de Psicologia, Campus A. C. Simões pelo trabalho e empenho.

Agradeço aos amigos de curso, Ana Caroline, Marianne, Edilson, José Nilson, Maria, Micaelle, Ulisses, que foram muito importantes para a construção de vivências felizes e superação de dificuldades ao longo dessa jornada. Pessoas tão maravilhosas e inspiradoras.

Agradeço a minha turma do curso de Psicologia, 2015.1, que sempre foi muito afetiva e parceira. Foram vivências muito enriquecedoras e agradáveis. Foi maravilhoso partilhar o curso ao lado de cada um de vocês.

Agradeço a todos e todas que me apoiaram, fizeram parte da minha jornada nesse curso, direta ou indiretamente, sendo esse período da minha vida de grande aprendizado e ressignificação.

Nem tão longe que eu não possa ver
Nem tão perto que eu possa tocar
Nem tão longe que eu não possa crer que um dia chego lá

(A montanha – Engenheiros do Hawaii)

RESUMO

A adolescência é uma fase do desenvolvimento humano estudada por diferentes áreas da Psicologia. De forma que, diversas pesquisas investigam e discutem sobre essa fase bem como apresentam interesse em desenvolver estudos com adolescentes como participantes. Nesse sentido, a reflexão a partir de produções nacionais permite conhecer as perspectivas teóricas que desenvolvem estudos sobre a adolescência/juventude. Desse modo, aprofundar os estudos numa perspectiva psicossocial crítica sobre produção conceitual adolescência/juventude. O objetivo dessa pesquisa é mapear os grupos de pesquisa da adolescência/juventude na produção de conhecimento psicossocial. Como estratégia metodológica foi escolhida a metassíntese. Foram realizadas as seguintes etapas: etapa de exploração, refinamento, descrição e análise. A etapa de exploratória foi realizada com a escolha do Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil para buscar grupos de pesquisa brasileiros. A busca por grupos de pesquisa foi realizada a partir dos descritores selecionados: adolescência, adolescências, adolescente, adolescentes, juventude, juventudes, jovem, jovens. A consulta retornou 20 grupos de pesquisa. O descritor que mais apareceu nos grupos foi adolescência. Foram obtidos dados parciais sobre os grupos, tais como: líder, vice-líder, nome do grupo. Os dados foram armazenados em planilhas para a etapa de refinamento. A partir dos grupos de pesquisa encontrados, foi realizada a busca de produções da líder com mais produções por meio da plataforma Lattes. Os resultados mostram que a maioria dos grupos está situada na região Sudeste e Sul, sendo a Universidade Federal do Rio Grande do Sul o local com maior quantidade de grupos. Os grupos foram formados em sua maioria a partir dos anos 2000. Notou-se a prevalência de grupos liderados por mulheres. Dentre os temas de pesquisa mais trabalhados estão: acolhimento institucional e violência.

Palavras-chave: Adolescência, Juventude, Psicologia, Metassíntese.

ABSTRACT

Adolescence is a phase of human development studied by different areas of Psychology. So, several researches investigate and discuss this phase as well as being interested in developing studies with adolescents as participants. In this sense, the reflection from national productions allows to know the theoretical perspectives that develop studies on adolescence / youth. Thus, to deepen the studies in a critical psychosocial perspective on conceptual production of adolescence / youth. The objective of this research is to map the research groups of adolescence / youth in the production of psychosocial knowledge. The meta-synthesis was chosen as methodological strategy. The following steps were taken: exploration, refinement, description and analysis. The exploratory stage was carried out with the choice of the Research Groups Directory in Brazil to search for Brazilian research groups. The search for research groups was carried out based on the selected descriptors: adolescence, adolescent, adolescents, youth, young. The consultation returned 20 research groups. The descriptor that most appeared in the groups was adolescence. Partial data on the groups were obtained, such as: leader, vice-leader, group name. The data were stored in spreadsheets for the refinement stage. From the research groups found, the search for productions by the leader with more productions was carried out through the Lattes platform. The results show that the majority of groups are located in the Southeast and South, with the Federal University of Rio Grande do Sul being the place with the largest number of groups. The groups were formed mostly from the 2000s. The prevalence of groups led by women was noted. Among the research topics most worked on are: institutional care and violence.

Keywords: Adolescence, Youth, Psychology, Metasynthesis.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – Total de grupos por descritor 19
- Figura 2 – Ano de formação dos grupos 19
- Figura 3 – Gênero dos líderes dos grupos 20
- Figura 4 – Seleção dos artigos para análise 20
- Figura 5 – Quantidade de produções por descritor entre 2015-2019 21
- Figura 6 – Quantidade de produções por descritor total 2017-2019 21
- Figura 7 – Quantidade de produções em português 2017-2019 22
- Figura 8 – Quantidade de produções em português por ano 22
- Figura 9 – Seleção dos artigos para análise 23
- Figura 10 – Quantitativo de produções da líder por descritor 24
- Figura 11 – Temas investigados pela líder 24

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Relação dos grupos de pesquisa obtidos no DGP com os descritores selecionados 17

LISTA DE SIGLAS

BES - Bem-Estar Subjetivo

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
DASS-21 - *Depression Anxiety and Stress Scale*

DGP - Diretório de Grupos de Pesquisa no

Brasil DM1 - diabetes melito tipo 1

ECA - Estatuto da Criança e do

Adolescente IES - Instituições de Ensino

Superior

GEIJC - Infância, Juventude e Cultura Contemporânea

Lab R2D2 - Laboratório de Relações Raciais, Direitos Humanos e Direitos da Criança e do Adolescente

LEPIA - Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Infância e Adolescência

NEPEIA - Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Infância e

Adolescência

NUPEDIA - Núcleo de Pesquisa e Estudos sobre o Desenvolvimento da Infância e

Adolescência NEURÔNIA - Núcleo de Investigações Neuropsicológicas da Infância e

Adolescência

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

VIA-Redes - Violência, Infância, Adolescência e atuação das Redes de proteção e

atendimento VD - violência direta

VI - violência indireta

WHO - *World Health Organization*

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. MÉTODO.....	16
3. RESULTADOS/DISCUSSÕES	17
4. CONCLUSÕES	33
REFERÊNCIAS	35

1. INTRODUÇÃO

A adolescência é uma fase do desenvolvimento humano estudada por diferentes áreas da Psicologia. De forma que, diversas pesquisas investigam e discutem sobre essa fase bem como apresentam interesse em desenvolver estudos com adolescentes como participantes. Nesse sentido, a reflexão a partir de produções nacionais permite conhecer as perspectivas teóricas que desenvolvem estudos sobre a adolescência/juventude. Desse modo, aprofundar os estudos numa perspectiva psicossocial crítica sobre produção conceitual adolescência/juventude. Esta pesquisa vincula-se às pesquisas desenvolvidas no Grupo de Pesquisa/CNPq “Epistemologia e a Ciência Psicológica”.

Em uma perspectiva psicanalítica, segundo Blos (1962/1985, p. 9),

“a adolescência caracteriza-se, sobretudo pelas mudanças físicas, mudanças que refletem em todas as facetas do comportamento. Não só é certo que os adolescentes de ambos os sexos são profundamente afetados pelas mudanças físicas que ocorrem em seus próprios corpos - como também, num plano mais sutil e inconsciente, o processo de pubescência afeta o desenvolvimento de seus interesses, seu comportamento social e a qualidade de sua vida afetiva. Esses padrões não devem, é claro, ser considerados como resultados diretos de fatores fisiológicos, pois não se pode estabelecer nenhum paralelo direto entre modificações na adolescência que ocorrem simultaneamente no desenvolvimento anatômico, fisiológico, mental e emocional.”

Carneiro, Ribeiro e Ippolito (2015) apontam que nos estudos realizados por Ariès (1960) a categoria adolescência praticamente não existia. A partir do momento que a criança fosse considerada capaz de se inserir na vida produtiva, ela passava a compartilhar da vida levada pelos adultos, sem as diferenças que hoje são colocadas na socialização das crianças e dos adolescentes. Já o jovem, que hoje seria considerado um adolescente, era denominado jovem adulto, pois já tinha um corpo apto a participar da vida produtiva. Apenas nas classes privilegiadas, os jovens adultos tinham condições de prolongar os estudos e não serem rapidamente inseridas em atividades produtivas, onde gradualmente essas configurações contribuíram para uma diferenciação entre infância e idade adulta. Contudo, ainda por muito tempo infância e adolescência serão indiferenciadas, onde os indivíduos são vistos como uma junção de características infantis e adultas, ainda recebendo castigos corporais por sua proximidade com a infância.

Assim, por um longo tempo não havia mecanismos sociais que reconhecessem a adolescência, sendo direta a passagem entre infância e vida adulta. Questionamentos que surgiram sobre essa diferenciação entre criança e adulto, inicialmente, estavam fortemente fundamentados

em critérios biológicos, com o objetivo de encontrar critérios generalizáveis que determinassem essas mudanças percebidas nos indivíduos. Esse aspecto universal foi marcado pela puberdade, que seria o fenômeno biológico pelo qual todos os seres humanos passariam para sair da infância e entrar na vida adulta. Indo de encontro a essa concepção universalizante, o trabalho de Mead (1984), antropóloga norte-americana, foi um marco na desconstrução da adolescência como uma categoria universal. A partir de seus estudos, Mead concluiu que a puberdade pode se caracterizar como um fenômeno universal, contudo a adolescência não, sendo essa marcada por tensões de caráter psíquico que vão além de mudanças fisiológicas (CARNEIRO; RIBEIRO; IPPOLITO, 2015).

Conforme Birman (2008), a adolescência começa cada vez mais precoce, diminuindo a duração da infância. Essa se estreita em decorrência dos imperativos de performance impostos às crianças desde cedo, reduzindo o espaço e o tempo dos jogos e brincadeiras infantis, conseqüentemente isso incide sobre o imaginário infantil. Por outro lado, a adolescência se prolonga excessivamente, decorrente da não inserção social dos jovens no mundo do trabalho e dos impasses para a constituição de um novo núcleo familiar.

A problematização do conceito de adolescência ao longo das décadas permitiu a concepção desta como operação psíquica, onde ela deixou de ser considerada uma sequência de acontecimentos cronológicos e orgânicos, para a compreensão dela como construção social e psíquica. Na inscrição desta fase do desenvolvimento no laço social, o Outro social apresenta grande valor sobre as construções na passagem da adolescência. Nas últimas décadas, a juventude transformou-se em um ideal do mundo adulto, onde o corpo ocupa uma centralidade como índice de sucesso e a passagem do tempo transformaram-se em uma fonte de sofrimento (GURSKI; PEREIRA, 2016).

Bianco e Nicacio (2015) também consideram que a adolescência não se trata apenas de uma fase natural do desenvolvimento, embora as mudanças fisiológicas tenham importância para a adolescência, uma vez que trazem significativas mudanças para o corpo do adolescente, principalmente no que se refere à sexualidade e à identidade. Com base na psicanálise, o objetivo dos autores é mostrar que a adolescência não é natural e é uma resposta do encontro do real do sexo e do corpo, que leva em consideração que esse encontro se opera no inconsciente pela via da castração.

Sousa e Moreira (2012) consideram a adolescência uma construção histórico-cultural. Nesse sentido, há adolescências diversas que são construídas em diferentes espaços, as quais estão sujeitas às condições de acesso a bens culturais e simbólicos. Essa concepção é baseada na Psicologia sócio

histórica, onde Vygotsky é a sua principal referência. Nessa perspectiva, a adolescência é atravessada por dimensões históricas, sociais, políticas, econômicas e culturais. Desse modo, o adolescente seria considerado um sujeito ativo que faz elaborações sobre si e sobre o mundo, não sendo apenas resultado de uma absorção indistinta do que lhe é posto pela sociedade. Onde a adolescência não é concebida apenas como uma fase de transição entre a infância e o modelo ideal de adulto.

Desse modo, o conceito de adolescência é complexo e não se configura homogeneizado, sendo trabalhado a partir de perspectivas teóricas diversas. Cada abordagem dentro da Psicologia produz reflexões que buscam dar base para a compreensão ou explicação dessa categoria ou conceito a partir de dimensões epistemológicas e ontológicas distintas. De modo, que cada uma produz conhecimentos que permitem diferentes visões sobre uma mesma categoria ou um mesmo conceito.

Segundo World Health Organization (WHO) (2016), essa etapa é definida como o período entre 10 e 19 anos de idade. Essa definição é importante, pois é bastante utilizada em políticas públicas voltadas para esse público, sendo mais abrangente que a definida em dispositivos jurídicos como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que dispõe sobre a proteção integral da criança e do adolescente.

De acordo com a Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (BRASIL, 1990), que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências, no “Art. 2º Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade”. Desse modo, pode-se refletir sobre a própria definição de adolescência a partir de diferentes visões que podem influenciar no modo como o indivíduo nessa fase de desenvolvimento é visto na sociedade.

Este estudo apresenta relevância, pois busca apresentar uma visão sobre os grupos de pesquisa em Psicologia que abordam especificamente sobre adolescência e juventude. De modo a trazer aspectos principais sobre nome do grupo, ano de formação, líder, gênero, instituição no qual está vinculada, região em que está situado, dentre outros aspectos. A partir do/a líder dos grupos, identificar quais são as produções desses/as pesquisadores/as com o intuito de compreender como essas pesquisas foram realizadas, bem como se abordam sobre o conceito de adolescência ou focam em pesquisas aplicadas ao público adolescente/jovem. Essas informações são relevantes para estudantes e profissionais que trabalham com esse público e para a construção de estratégias de intervenção voltadas às demandas que esse público apresenta.

Desse modo, tem-se como questão de pesquisa: Quais são os grupos de pesquisa, bem como os(as) pesquisadores(as) que desenvolvem estudos em Psicologia no Brasil sobre adolescência e juventude?

O objetivo geral desse trabalho foi mapear os grupos de pesquisa e os pesquisadores que desenvolvem trabalhos sobre adolescência e juventude em Psicologia no Brasil. Como objetivos específicos: descrever os grupos de pesquisa brasileiros que estudam sobre a temática adolescência e juventude; identificar e descrever as produções científicas produzidas por pesquisadores(as) da adolescência e juventude vinculados a grupos de pesquisa em Psicologia.

2. MÉTODO

Esta pesquisa foi desenvolvida tendo a metassíntese como estratégia metodológica (OLIVEIRA; TRANCOSO; BASTOS; CANUTO, 2015; TRANCOSO, OLIVEIRA, 2014). São consideradas as seguintes etapas: Exploração; Refinamento; Cruzamento; Descrição e Análise.

A *exploração* refere-se à busca pela fonte onde serão obtidos os dados para realização da pesquisa, bem como análise da viabilidade da mesma. O *refinamento* é caracterizado pelo início do tratamento dos dados. Desse modo, é definida de forma criteriosa a amostra de dados que irá compor a pesquisa. O *cruzamento* busca verificar a duplicidade de materiais e evitar inconsistência sobre a amostra obtida (OLIVEIRA; TRANCOSO; BASTOS; CANUTO, 2015).

A *descrição* tem o intuito de obter uma visualização geral da amostra e identificar os materiais com maior potencial analítico. Tendo em vista que a amostra pode ser volumosa, faz-se necessário estabelecer um recorte para poder prosseguir para a fase de análise. Por fim, a *análise* tem o objetivo de ir além das informações descritivas. As possibilidades de análise são expandidas e realizar-se a leitura em profundidade do material selecionado. Desse modo, contribuir para um salto qualitativo e crítica na compreensão do objeto de estudo estabelecido na pesquisa (OLIVEIRA; TRANCOSO; BASTOS; CANUTO, 2015).

Na etapa de exploração foi utilizada a base de dados do Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil (DGP) do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). Com base no site do DGP,

O Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil constitui-se no inventário dos grupos de pesquisa científica e tecnológica em atividade no País. Assim a existência da atividade permanente de pesquisa numa instituição é condição prévia para participação dela no DGP, e não o contrário. Em outras palavras, o início de processo de criação ou implantação de atividades de pesquisa em uma instituição não se dá pelo Diretório. As informações contidas no Diretório dizem respeito aos

recursos humanos constituintes dos grupos (pesquisadores, estudantes e técnicos), às linhas de pesquisa em andamento, às especialidades do conhecimento, aos setores de aplicação envolvidos, à produção científica, tecnológica e artística e às parcerias estabelecidas entre os grupos e as instituições, sobretudo com as empresas do setor produtivo. Com isso, é capaz de descrever os limites e o perfil geral da atividade científico-tecnológica no Brasil. Os grupos de pesquisa inventariados estão localizados, principalmente, em universidades, instituições isoladas de ensino superior com cursos de pós-graduação *stricto sensu*, institutos de pesquisa científica e institutos tecnológicos (DGP, 2020).

A Plataforma Lattes é um sistema de informações do CNPq que integra bases de dados Currículos, de Grupos de Pesquisa e de Instituições. O Currículo Lattes atualmente é um padrão nacional que registra dados anteriores e atuais de estudantes e pesquisadores/as¹.

Foi utilizada como grande área *ciências humanas* e como área a Psicologia. Os descritores aplicados foram: adolescência, adolescências, adolescentes, adolescentes, juventude, juventudes, jovem, jovens. A etapa referente ao refinamento foi caracterizada pela construção de planilhas para sistematização dos dados, tais como: nome do grupo, líder, instituição, região, descritor, ano de criação do grupo. A etapa de cruzamento foi a verificação de repetição nos grupos que surgiram na busca. Observou-se que não houve repetições.

3. RESULTADOS/DISCUSSÕES

Na Tabela 1 são apresentados os nomes dos 20 grupos identificados, o descritor presente no título do grupo e o ano de criação.

Tabela 1 – Relação dos grupos de pesquisa obtidos no DGP com os descritores selecionados.

GRUPOS	DESCRITOR	ANO DE CRIAÇÃO DO GRUPO
Núcleo de Investigações Neuropsicológicas da Infância e Adolescência (NEURÔNIA)	adolescência	2012
Núcleo de Pesquisa e Estudos sobre o Desenvolvimento da Infância e Adolescência (NUPEDIA)	adolescência	2006
Grupo de Estudos e Pesquisa em Adolescência, juventude e fatores de vulnerabilidades e proteção	adolescência /juventude	2012
Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Infância e Adolescência	adolescência	2011
Estudos sobre Infância e Adolescência	adolescência	2013
Infância, Juventude e Cultura Contemporânea - GEIJC	juventude	2006
Família, juventude e cultura digital	juventude	2019

¹Sobre a plataforma Lattes. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/>. Acesso em: 14 Jan. 2020.

Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Políticas Sociais e Direitos de Crianças e Adolescentes	adolescentes	2018
Automutilação em Pré-Adolescentes e Adolescentes-Estudo e Intervenção	adolescentes	2016
Circulando entre invenções: um novo dispositivo clínico com jovens autistas	jovens	2014
Psicologia da Saúde e Desenvolvimento da Criança e do Adolescente	adolescente	2014
Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Infância e Adolescência (LEPIA)	adolescência	2013
Laboratório de Estudos sobre Violência contra Crianças e Adolescentes	adolescentes	2011
Desenvolvimento sociomoral de crianças e adolescentes	adolescentes	2002
Laboratório de Relações Raciais, Direitos Humanos e Direitos da Criança e do Adolescente (Lab R2D2)	adolescente	2018
As Implicações da pós-modernidade na constituição da subjetividade do adolescente	adolescente	2018
VIA-Redes (Violência, Infância, Adolescência e atuação das Redes de proteção e atendimento)	adolescência	2017
Sistema de proteção a crianças e adolescentes : Pesquisas e aplicações	adolescentes	2014
NEPEIA - Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Infância e Adolescência	adolescência	2011
Infância, Adolescência , Família e Sociedade	adolescência	1992

Pôde-se observar na Tabela 1, a presença dos descritores infância ou criança (em negrito) na maioria dos grupos (13), o que possibilita indicar a relação entre estudos que buscam compreender essas duas fases do desenvolvimento humano. Os dados desta tabela serão descritos de maneira mais detalhada a seguir.

Na Figura 1 é apresentado o quantitativo de grupos obtidos com os descritores aplicados na busca na base de dados. Os descritores adolescência e adolescentes foram os mais significativos na busca.

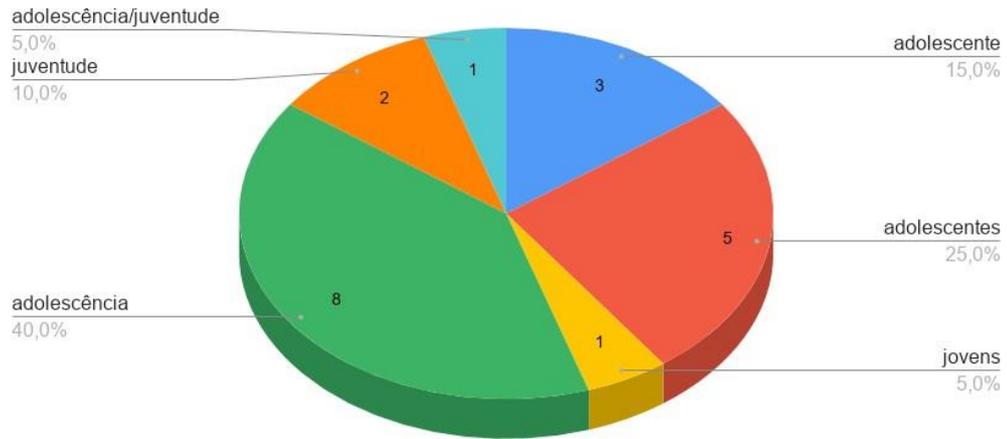


Figura 1 – Total de grupos por descritor

A Figura 2 mostra o ano de criação dos grupos, onde é possível verificar que apenas um grupo consta como criado na década de 90, sendo os demais criados a partir de 2002.

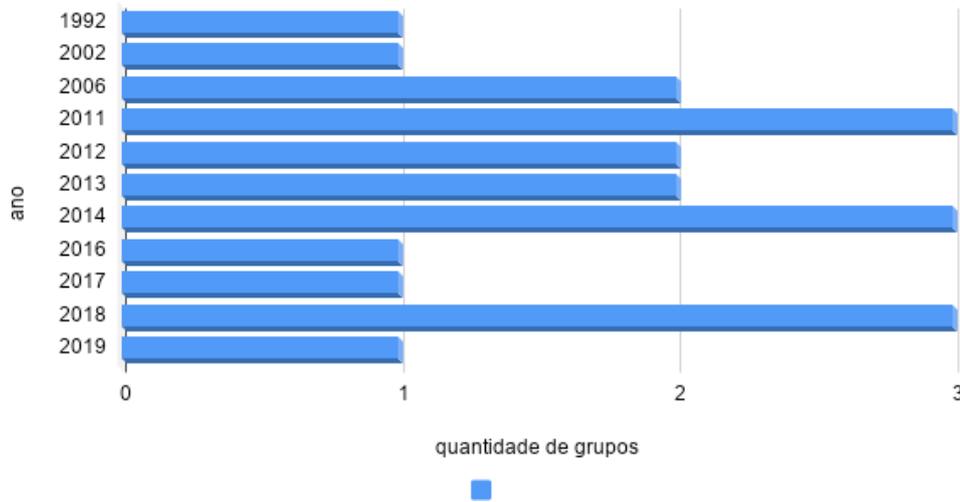


Figura 2 – Ano de formação dos grupos

Sobre o gênero, na Figura 3 observa-se a presença marcante de mulheres na pesquisa, sendo representada por 80% da amostra obtida.

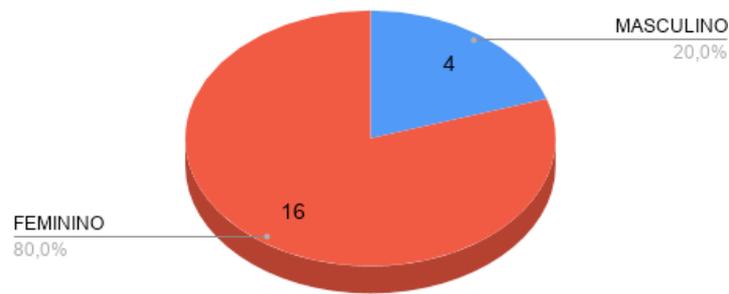


Figura 3 – Gênero dos líderes dos grupos

Para a seleção das produções, foi consultada a plataforma Lattes a fim de selecionar os artigos mais recentes de cada líder identificado no DGP. A Figura 4 apresenta o fluxo de produções obtidas a cada etapa de seleção.

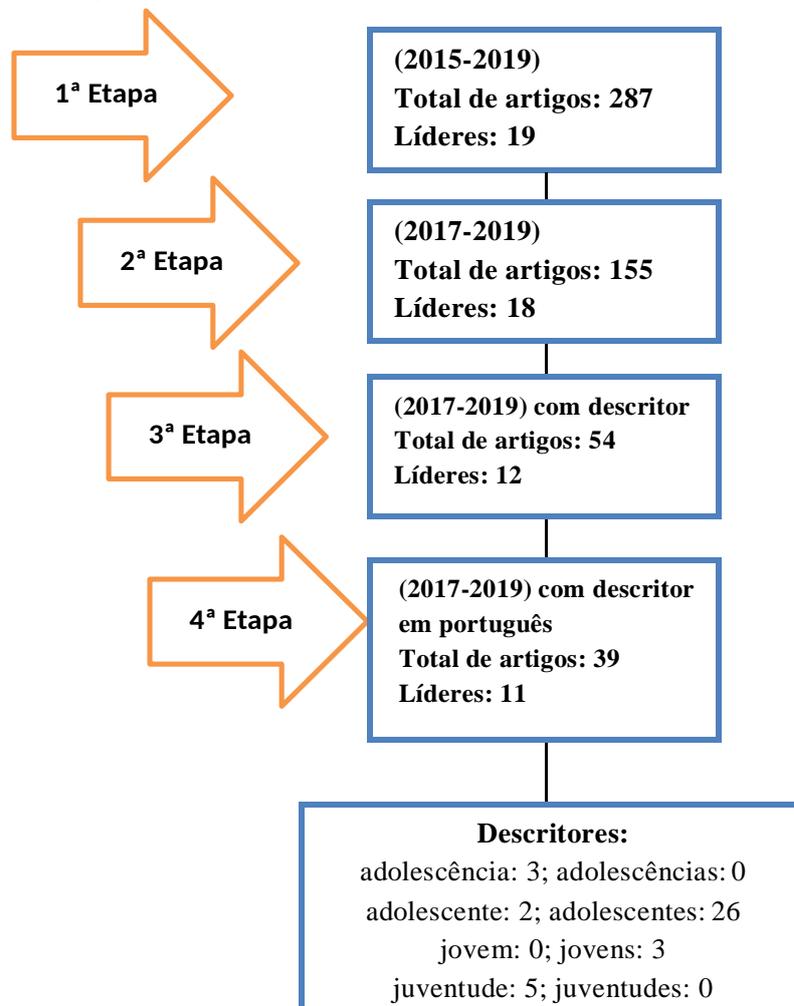


Figura 4 – Seleção dos artigos para análise

A Figura 5 mostra a quantidade de produções entre 2015 e 2019 a partir dos descritores utilizados na busca. A Figura 6 mostra a quantidade entre 2017 e 2019, em ambas o descritor mais significativo foi *adolescentes*, seguido por *adolescente*.

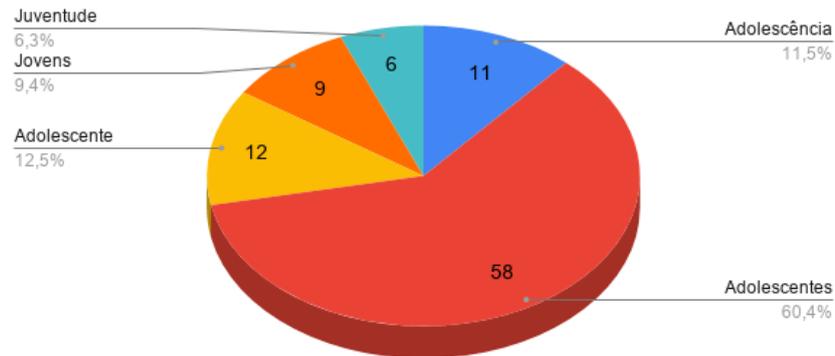


Figura 5 – Quantidade de produções por descritor entre 2015-2019

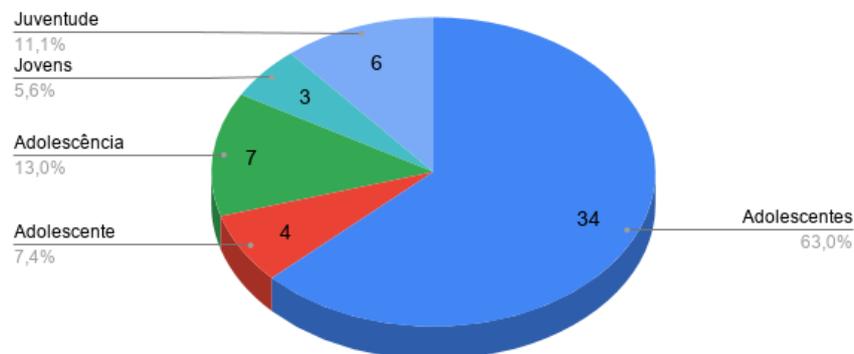


Figura 6 – Quantidade de produções por descritor total 2017-2019

A Figura 7 apresenta a amostra final, onde *adolescentes* permanece como descritor mais significativo na busca. Ao analisar a lista de produções dos/as líderes nota-se que a maior parte das pesquisas são realizadas com amostras de adolescentes, sendo pesquisas primárias. Também nota-se a escassez de grupos que fazem pesquisa sobre jovens e juventude.

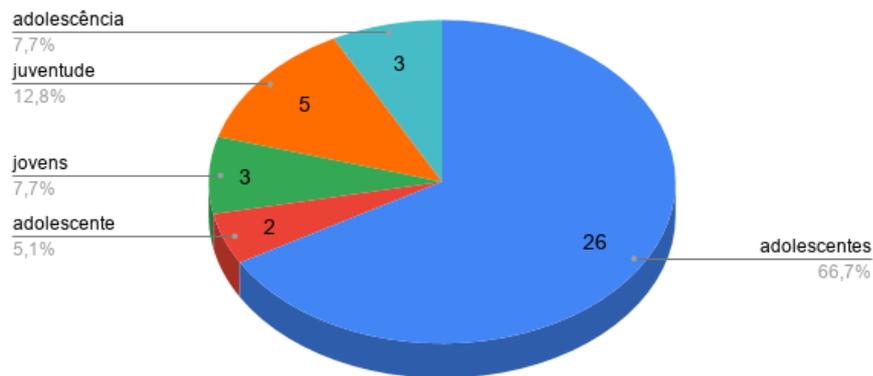


Figura 7 – Quantidade de produções em português 2017-2019

Ao analisar o ano de publicação das pesquisas, nota-se a prevalência no ano de 2017, com 16 artigos (ver Figura 8).

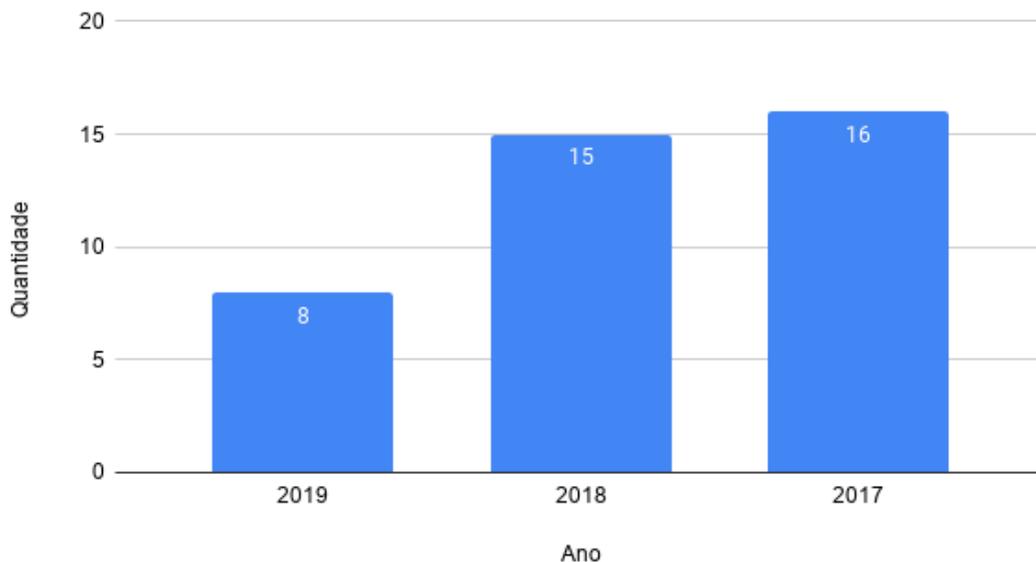


Figura 8 – Quantidade de produções em português por ano

Com base nos dados referentes às produções dos/as líderes identificados, considerou-se um recorte na pesquisa para o estudo das produções de quem apresentou um maior número de produções. Pode-se observar que a pesquisadora Débora Dalbosco Dell’Aglío possui uma produção significativa de artigos nos últimos 5 anos. Tem-se em vista que a escolha não remete a um critério meramente produtivista em relação à produção acadêmica, mas dentro de um significativo número

de produções de diversos/as pesquisadoras estabelecer um critério de escolha para analisar o que as produções selecionadas apresentam como contribuição para o estudo sobre a adolescência.

Produções da líder Débora Dalbosco Dell'Aglio

Foi realizada uma consulta na plataforma Lattes para identificar as produções da líder que apresentou maior quantidade de produções, entre os anos de 2015 e 2019. Foram utilizados os descritores: adolescência, adolescências, adolescentes, adolescentes, juventude, juventudes, jovem, jovens. Os critérios de inclusão foram: artigos com os descritores no título, não serem revisões sistemáticas, estarem em língua portuguesa.

Inicialmente, foram obtidos 54 artigos no período dos últimos cinco anos. A partir da busca com os descritores foram identificados 25 artigos que atenderam a esse critério os quais foram selecionados para análise. A Figura 9 apresenta o fluxo de seleção dos artigos para análise.

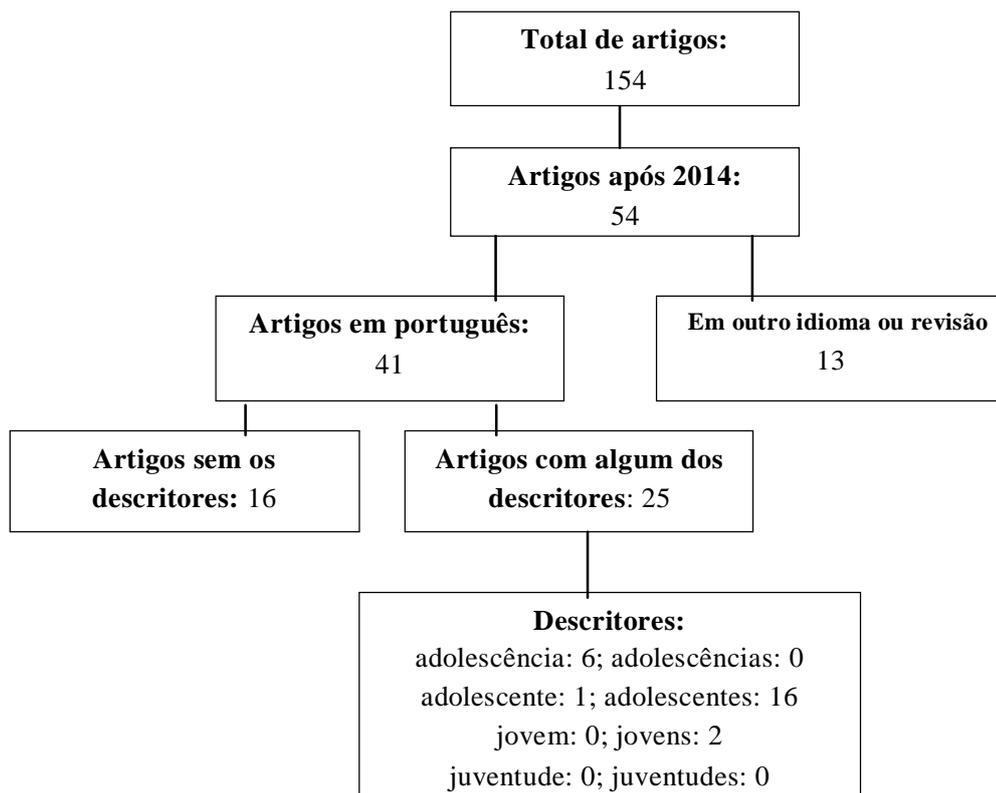


Figura 9 – Seleção dos artigos para análise

A Figura 10 apresenta a quantidade de produções por descritor da líder do grupo *Sistema de proteção a crianças e adolescentes: Pesquisas e aplicações*. Foram selecionados 25 artigos. Nota-se que o descritor mais significativo na busca foi *adolescentes*, seguido de *adolescência*. Sobre a área da Psicologia que a líder atua, conforme dados da plataforma Lattes,

Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia do Desenvolvimento Humano, atuando principalmente nos seguintes temas: adolescentes, institucionalização, abuso sexual, rede de apoio, resiliência, violência, desenvolvimento em situação de risco pessoal e social, *bullying*, políticas públicas de proteção à infância e adolescência (LATTES, 2019).

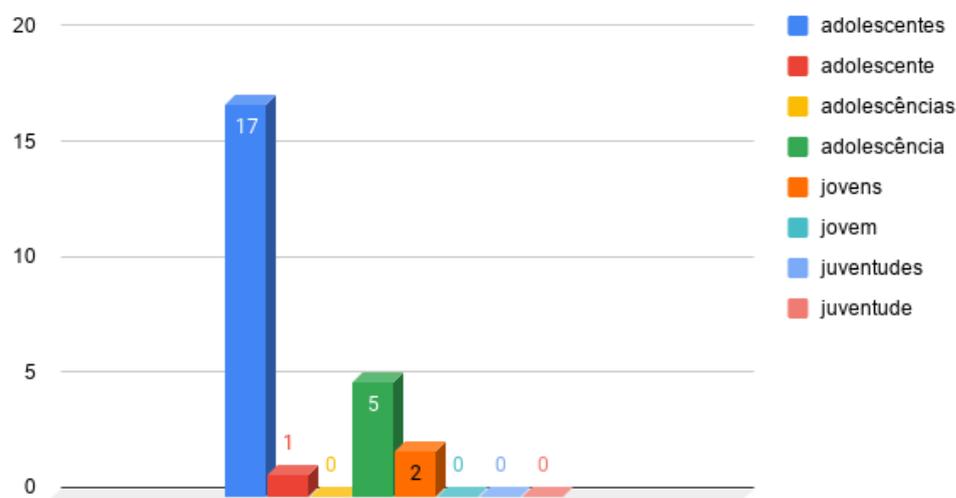


Figura 10 – Quantitativo de produções da líder por descritor

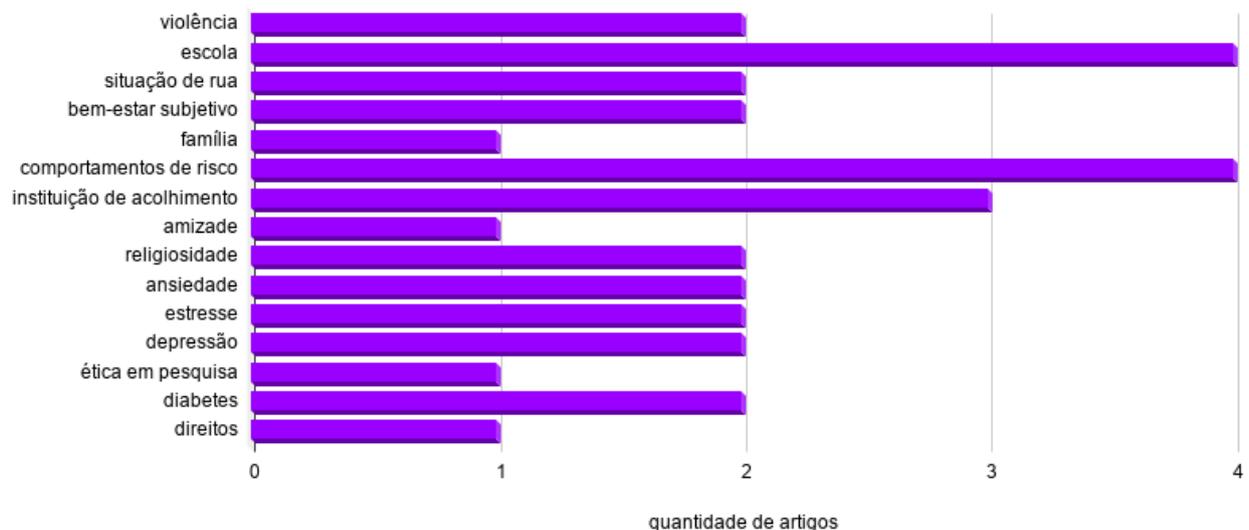


Figura 11 – Temas investigados pela líder

A Figura 11 apresenta os temas identificados nas produções da líder que atenderam aos critérios de inclusão. Os temas foram identificados a partir do título, resumo ou palavras-chave dos artigos analisados. Desse modo, foram identificadas categorias de temas de pesquisa. Nota-se que os temas mais pesquisados são sobre comportamentos de risco, escola e instituição de acolhimento.

Coelho e Dell’Aglío (2019) abordam sobre as relações entre clima escolar e satisfação de adolescentes com a escola. Foi utilizada uma amostra de 504 estudantes. Os resultados apontam a importância dos relacionamentos entre professor-estudante e estudante-estudante. Os estudantes demonstraram satisfação em suas escolas ao perceberem os professores como cuidadosos, respeitosos e capazes de dar suporte aos estudantes. Sendo a relação professor-estudante a que mais significativa dentro dos resultados obtidos.

Coelho e Dell’Aglío (2018) investigaram a contribuição do suporte social da família, professores e pares para o engajamento escolar de adolescentes. Participaram da pesquisa 506 estudantes do ensino médio de escolas públicas do Ceará. As autoras consideram que para o engajamento escolar como um construto multidimensional composto por três domínios: comportamental, emocional e cognitivo. Essas dimensões foram avaliadas a partir de um instrumento, além da observação de características sociodemográficas.

Os resultados do estudo sugerem que o suporte dos professores desempenhou um papel central para ambos os tipos de engajamento. No entanto, o suporte da família foi mais importante para o engajamento comportamental/cognitivo, enquanto que não acrescentou explicação para o engajamento emocional com a escola quando considerados a influência dos professores e pares. Ainda, a percepção de um relacionamento positivo entre os pares foi importante mesmo quando considerada a influência da família e dos professores para os tipos de engajamento pesquisados (COELHO, DELL’AGLIO, 2018, p.627).

Alves *et al.* (2015) analisaram a percepção de jovens brasileiros sobre as relações com a escola, suas expectativas quanto ao futuro e ao desempenho escolar. Participaram do estudo 3.081 jovens, entre 11 e 24 anos. Os resultados indicam que a maioria dos participantes percebe a escola de forma positiva, sentem-se bem nela, gostam de ir a escola e possuem relações satisfatórias. Foram analisados dois grupos: um grupo com participantes que nunca reprovaram e outro com quem já reprovou uma vez. Mais da metade dos estudantes apresentaram reprovações. Ao considerar a reprovação escolar, os escores de estudantes com reprovação mostrou avaliações mais negativas quanto à escola. Além disso, os resultados indicam que o desempenho escolar não está apenas relacionado com a dedicação ao estudo, mas também ao modo como os

estudantes percebem suas relações com a escola e expectativas com o futuro.

Alves e Dell’Aglío (2015a) realizaram um estudo para conhecer a percepção de apoio social (apoio da família, professores, amigos e apoio geral) em adolescentes, considerando as variáveis sexo, idade e configuração familiar. Participaram 375 estudantes de escolas públicas da cidade de Porto Alegre/RS com idades entre 13 e 19 anos. Os resultados mostram uma diferença significativa entre os sexos, onde as meninas percebem mais apoio social do que os meninos. Em relação à amostra, os itens com média mais baixa foi com relação à ligação dos estudantes com o apoio dos professores. Já o item como média mais alta está ligado com o apoio da família. Não houve uma diferença significativa sobre o item do apoio com variações na configuração de família (nuclear, monoparental, reconstituída).

Finkler e Dell’Aglío (2018) falam sobre um serviço para atendimento de crianças e adolescentes em situação de rua. Foram realizados grupos focais com usuários do serviço (adolescentes e familiares), trabalhadores sociais e gestores. Os resultados indicaram que o serviço ampliou a qualidade de vida do público atendido. A regularidade do serviço permite a criação de afetividade e estabilidade para os adolescentes atendidos.

Finkler, Dell’Aglío e Yunes (2017) investigaram a percepção de adolescentes em situação de rua acerca da intervenção de um serviço de abordagem social em um município do sul do Brasil. Foi realizada grupo focal com sete adolescentes. Os adolescentes apontam aspectos positivos do serviço em respeitar e acolher, contudo há a ambivalência em determinados momentos na aceitação de alternativas propostas pelos profissionais do serviço, principalmente com relação ao uso de drogas e situações de risco. Ainda há o fato do serviço também lidar com a família dos adolescentes, para apoiar na inserção dela em serviços governamentais que podem ajudar os pais dos adolescentes que estão na rua por vivenciar situações de violência familiar. Desse modo, as autoras consideram que serviços de abordagem social são relevantes para adolescentes em situação de rua, pois apoiam em diferentes dimensões (afetiva, informacional, instrumental, emocional) esses indivíduos.

Patias, Siqueira e Dell’Aglío (2017) abordam uma visão histórica sobre a institucionalização de crianças e adolescentes e as imagens sociais construídas em relação a esses indivíduos. A partir disso, “os estudos demonstram que a história da institucionalização apresenta forte influência na construção do que se pensa sobre a criança e o adolescente institucionalizados e suas famílias” (p. 8). As autoras apontam que há uma visão negativa sobre esses indivíduos que está atrelada a visão que se tem há séculos sobre o funcionamento das

instituições de acolhimento. Isso repercute em como profissionais que lidam com essas pessoas realizam suas práticas, sejam professores nas escolas onde essas pessoas estudam, cuidadores dentro das instituições, dentre outros.

Wendt, Dulus e Dell'Aglio (2017) investigaram as imagens sociais associadas aos jovens em situação de acolhimento institucional. Participaram 224 pessoas entre 18 a 71 anos. Os resultados sobre as características atribuídas aos jovens em acolhimento institucional apresentaram médias mais altas em características negativas. Concepções negativas sobre os jovens ainda estão relacionadas com a naturalização da adolescência como um período conflituoso e de crises. As comparações entre as características atribuídas a jovens que não estivessem em acolhimento institucional foram mais positivas, em relação à imagem social do jovem em acolhimento.

Zappe, Yunes e Dell'Aglio (2016) investigaram as imagens sociais associadas às famílias com crianças e adolescentes institucionalizados. Participaram do estudo 202 leigos e profissionais, entre 16 a 69 anos. Foram observadas diferentes associações principalmente em função do *status* socioeconômico das famílias. Características positivas foram mais associadas às famílias com status socioeconômico médio e características negativas foram mais frequentemente associadas às famílias de status socioeconômico baixo ou às famílias com crianças e jovens institucionalizados. As autoras apontam que esses resultados podem estar relacionados com a visão história da institucionalização no Brasil. A relação negativa de famílias com status socioeconômico baixo também pode estar relacionada com o imaginário que a pobreza pode incorrer em os adolescentes dessas famílias possam fracassar em sua função protetora e esses indivíduos virem a necessitar de instituições de acolhimento.

Silva e Dell'Aglio (2018) realizaram uma investigação sobre o bem-estar subjetivo com 426 adolescentes, entre 12 e 18 anos, e foi observado que o sexo e faixa etária estão relacionados com a variação de afetos positivos e negativos. Os meninos apresentaram maiores médias de satisfação de vida total, satisfação com a família, autoeficácia, não violência e bem-estar. Em outros estudos apresentados pelas autoras são discutidos resultados que trazem as meninas com maior satisfação com a família. As autoras identificaram uma maior fragilização dos aspectos positivos nas meninas e experimentaram mais afetos negativos, menos afetos positivos e estão menos satisfeitas com a suas vidas.

Paixão, Patias e Dell'Aglio (2018) investigaram as relações entre violência intrafamiliar, clima familiar e sintomas de transtorno mental na adolescência. Foram analisados dados de 359

adolescentes, com idades entre 13 a 19 anos, de ambos os sexos, estudantes entre a 7^a série do Ensino Fundamental e o 3^o ano do Ensino Médio de escolas públicas da cidade de Porto Alegre. Foram observadas diferenças por sexo, onde houve a prevalência de sintomas de transtorno mental entre as meninas e percepção de clima familiar mais positiva entre os meninos. As autoras consideram dentre as hipóteses para explicar essas diferenças fatores ambientais tais como exclusão social, experiências familiares adversas e papéis e normas culturais. Também podem estar associados a fatores biológicos tais como a estrutura e funcionamento cerebral, transmissão genética e a função reprodutiva.

Também foi observado que a configuração familiar (monoparental, nuclear ou reconstituída) não foi correlacionada de forma significativa com a saúde mental. As autoras observaram que a relações familiares influenciam no aumento de sintomas de transtornos mentais. Os sintomas manifestados podem ser tanto internalizantes (ansiedade e depressão) quanto externalizantes (transtornos disruptivos e agressividade). Por outro lado, o apoio e coesão entre os membros influenciam em menores níveis de sintomas de transtornos mentais.

Calza, Dell’Aglío e Sarriera (2016) discutiram criticamente estudos brasileiros sobre a temática dos maus-tratos para compreender as características de violência contra crianças e adolescentes, e sobre os desafios para sua notificação. As autoras discutem o conceito de maus-tratos bem como dispositivos de proteção que foram construídos para a proteção de crianças e adolescentes. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) é enfatizado com marco legal e a sobre quais tipos de maus-tratos são identificados em pesquisas, sendo um dos desafios um consenso sobre tal conceito. Além disso, sobre as notificações faz-se necessária a articulação da rede de atendimento, capacitação dos profissionais para lidarem com os casos e a realização das notificações dos mesmos, que muitas vezes não são feitas por falta de preparo e informação.

O estudo de Baía *et al.* (2015) buscou caracterizar os padrões de revelação/descoberta do abuso sexual, verificando a associação com fatores individuais das vítimas e dos agressores (idade, sexo) e fatores relacionais (familiaridade entre vítimas e agressores, e receptor da revelação). Os dados foram obtidos a partir de 232 prontuários de abuso sexual, entre 2009 e 2012, de três serviços especializados brasileiros sendo um localizado no estado do Pará (PA) e dois no estado do Rio Grande do Sul (RS). Os serviços foram: Centro de Referência Especializado em Assistência Social (CREAS), localizado no município de Abaetetuba (PA); de Estudos Centro Pesquisa Sobre Meninos e Meninas de Rua (CEP-RUA/NH), localizado em Novo Hamburgo (RS); e CREAS- Viamão, localizado no município de Viamão (RS).

Segundo os autores, o maior número de casos de abuso sexual envolveu o sexo feminino (83,6%). No PA predominou a revelação acidental dos casos e no RS predominou a revelação intencional por meio das vítimas. A idade dos agressores variou entre 10 a 75 anos, sendo 62,41% no RS e 37,58% no PA são intrafamiliares. A idade de revelação do abuso na maioria dos casos foi acima dos 10 anos e por meninas, indicando também a dificuldade em detectar casos de abuso em meninos. Sendo as crianças um grupo vulnerabilizado a não revelação de abusos. Os autores apontam que as diferenças culturais e sociais também influenciam nos escores analisados, bem como questões de infraestrutura dos serviços nas regiões.

Silva, Giordani e Dell'Aglio (2017) apresentam resultados significativos de bem-estar subjetivo (BES) de adolescentes que possuem alguma religiosidade. O estudo foi realizado com 420 adolescentes, entre 12 e 18 anos. Nessa amostra, 31,7% dos adolescentes se declararam católicos, 12,4% evangélicos, 5,9% espíritas, 5,4% umbandistas e 30,3% declararam não ter nenhuma religião. Como resultados as autoras apontam que

apesar da falta de consenso na forma de avaliação da religiosidade entre os adolescentes nas pesquisas, ter ou não religião pode servir como indicador da religiosidade e relaciona-se positivamente ao BES. Nesse sentido, são necessários mais estudos que avaliem religiosidade de forma mais precisa e sistemática, buscando compreender como se manifesta na adolescência (SILVA, GIORDANI E DELL'AGLIO, 2017, p. 46).

Jahn e Dell'Aglio (2017) investigaram a religiosidade em adolescentes através de um estudo exploratório com dados de 2573 adolescentes, com idades entre 12 e 18 anos. A partir da literatura as autoras também colocam em questão que a religiosidade pode ser um fator de proteção a comportamentos de risco entre adolescentes. Os dados foram coletados de um banco de dados resultante de pesquisas realizadas entre 2009 e 2012 de estudantes de escolas públicas das cinco regiões do país: Fortaleza (nordeste), Belém (norte), Vitória e Grande Vitória (sudeste), Hidrolândia (Goiás, centro-oeste), Porto Alegre e Rio Grande (sul). Os resultados do estudo apontam para uma maior vinculação dos participantes a uma religião sem os mesmos estarem diretamente envolvidos em práticas religiosas em instituições religiosas. As meninas apresentaram maior médio na Escala de Religiosidade.

Patias, Hiene e Dell'Aglio (2017) investigaram relações entre exposição à violência direta (VD) e violência indireta (VI), Bem-Estar Subjetivo (BES) e sintomas de depressão, ansiedade e estresse, em 428 adolescentes, entre 12 e 18 anos.

Os resultados das análises realizadas revelaram que tanto a exposição a VD quanto VI e maiores níveis de afetos negativos foram positivamente associados com sintomas de ansiedade, depressão e estresse. Além disso, ser do sexo

feminino e ter menores níveis de satisfação de vida, também se mostraram relacionados aos sintomas internalizantes (PATIAS; HIENE; DELL'AGLIO, 2017, p. 475).

As autoras observaram que as meninas são mais vulneráveis a violência e sintomas internalizantes (depressão, ansiedade, estresse) que repercutem negativamente no desenvolvimento.

Zappe e Dell'Aglio (2016a) investigaram comportamentos de risco (uso de substâncias, comportamento sexual de risco, comportamento antissocial e comportamento suicida), em adolescentes e fatores de proteção. Foram analisados dados de 503 adolescentes entre 11 e 19 anos a partir de dados de um banco de dados de uma pesquisa maior intitulada "Adolescência em Diferentes Contextos: Família e Institucionalização". Foi identificado o comportamento de risco mais alto em adolescentes institucionalizados do que aqueles que viviam com suas famílias. Contudo, análises sobre a variação em cada contexto investigado permitiu verificar uma diminuição de comportamentos de risco em adolescentes que estavam institucionalizados. Ainda, ressalta-se que os adolescentes institucionalizados estão em contato com maior presença de eventos estressores e de violência, relações com menos positividade em relação à escola e a família.

Zappe e Dell'Aglio (2016b) também investigaram o engajamento de adolescentes em comportamentos de risco, fatores de risco e proteção e contextos associados a esses comportamentos. Participaram 1.332 adolescentes, de 12 a 19 anos. Os resultados apontaram para o uso de substâncias como comportamento de risco mais prevalente. Fatores significativos relacionados a comportamentos de risco são violência intra e extrafamiliar, amigos e familiares próximos que usam drogas. Fatores considerados protetores foram as relações positivas com a família, escola, religião e comunidade, expectativas positivas sobre o futuro, autoestima.

As autoras observaram que os meninos apresentaram maior engajamento em comportamentos de risco como conduta antissocial e comportamentos sexuais de risco, o que também pode ser explicado por expectativas quanto ao comportamento social masculino na sociedade. As meninas apresentaram maior comportamento de risco relacionado a comportamento suicida. Provavelmente, esse resultado ocorreu por terem experimentado mais estados psicológicos negativos, sentindo-se mais deprimidas, nervosas e irritadas que os meninos.

Zappe e Dell'Aglio (2016c) investigaram comportamentos de risco e fatores de risco e de proteção em adolescentes que vivem em diferentes contextos: família, acolhimento institucional

e instituições para cumprimento de medidas socioeducativas. Participaram 942 adolescentes com idades entre 11 e 19 anos. Os resultados apresentaram diferenças significativas entre os três grupos, principalmente entre adolescentes institucionalizados e os que viviam com suas famílias. Sobre isso, os adolescentes institucionalizados apresentaram maiores escores em comportamentos de risco do que os que viviam com suas famílias.

As autoras discutem que os comportamentos de risco mais presentes em adolescentes em medidas socioeducativas foram comportamento antissocial, uso de substâncias e comportamento sexual de risco. Adolescentes institucionalizados apresentaram escores maiores de comportamento suicida. Contudo, independentemente do contexto foi observado o fato dos adolescentes se colocarem em algum tipo de comportamento de risco, de modo que isso requer atenção e intervenções que visem à proteção e o desenvolvimento saudável dos adolescentes.

Alves e Dell’Aglío (2015b) verificaram a relação entre apoio social e comportamentos de risco em adolescentes. Participaram 374 adolescentes, entre 12 e 18 anos. Sobre a idade, os resultados indicaram correlações positivas com comportamento sexual de risco e uso de substâncias em adolescentes mais velhos. O envolvimento com amigos que também apresentam comportamentos de risco aumentam esses comportamentos. Sobre diferenças quanto ao sexo, os meninos apresentaram médias superiores às meninas em relação ao comportamento sexual de risco, comportamento infracional; e as meninas médias superiores aos meninos em relação ao comportamento suicida. As autoras apontam que questões culturais e sociais podem explicar essas relações.

Nardi, Hauck Filho e Dell’Aglío (2016) investigaram preditores de comportamento antissocial em 142 adolescentes em medida socioeducativa de internação e 691 estudantes de escolas públicas. Os resultados mostram que os adolescentes em medida socioeducativa apresentaram médias significativamente superiores das variáveis de risco (comportamento antissocial, violência intra e extrafamiliar, uso de drogas e exposição a eventos estressores) e as variáveis consideradas de proteção (relacionamento familiar e expectativas para o futuro) foram maiores nos adolescentes das escolas.

Borges e Dell’Aglío (2017) discutem os aspectos éticos envolvidos na pesquisa com adolescentes, incluindo a exigência do termo de consentimento dos pais, conforme previsto na Resolução 510 do Conselho Nacional de Saúde. Foi abordada a temática sobre violência no namoro com uma amostra de 560 adolescentes, entre 14 e 19 anos. O intuito é evidenciar um dos desafios da pesquisa com adolescentes pelo fato desses necessitarem do consentimento parental

para participar da pesquisa e como a temática de relacionamento amoroso não é um tema muito discutido entre pais e filhos isso é um fator que influencia na amostra obtida e na coleta de dados.

Dessa forma, as autoras trazem a discussão dos aspectos éticos implicados em pesquisas com adolescentes e a necessidade do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido). Elas propõem que o tema seja mais debatido no Brasil para permitir maiores reflexões sobre situações em que os adolescentes podem ou não ter independência para participação em estudos e como o consentimento parental pode enviesar pesquisas sobre determinados temas.

O estudo de Patias, Machado, Bandeira e Dell’Aglío (2016) teve como objetivo adaptar e validar a *Depression Anxiety and Stress Scale (DASS-21) – Short Form* para adolescentes brasileiros. Participaram 426 adolescentes de escolas públicas de Porto Alegre – RS, entre 12 a 18 anos. A versão da DASS-21 utilizada para este estudo foi uma adaptação da versão utilizada para adultos brasileiros por (Machado e Bandeira, 2013). A versão adaptada foi nomeada Escala de Depressão, Ansiedade e Estresse para Adolescentes (EDA-E-A). Também foi aplicado um questionário de dados sociodemográficos construído especialmente para este estudo e que investiga informações sobre idade, sexo, escolaridade dos pais, configuração familiar, entre outros aspectos.

Greco-Soares e Dell’Aglío (2016) investigaram a qualidade de vida em adolescentes com diabetes mellitus tipo 1, observaram também sintomas de ansiedade, depressão e estresse, e sua relação com o tratamento, autocuidado variáveis sociodemográficas. Participaram 122 adolescentes entre 12 e 18 anos. Foi observado o que o diagnóstico é, geralmente, realizado antes o início da puberdade. A amostra teve maior prevalência de meninos, contudo as autoras através da literatura apontaram estudos com maior prevalência em meninas, indicando que o sexo pode não ter relação com a incidência da doença.

A maior parte dos participantes deste estudo considerara que tem saúde boa ou excelente. Isso pode ser influenciado pelo fato dos pacientes participantes do estudo receberam acompanhamento periódico para tratamento. Os sintomas de ansiedade, depressão e estresse constituíram a variável que mais se relacionou a percepção sobre qualidade de vida entre os adolescentes. Por isso, enfatiza-se a necessidade de informações sobre a doença e tratamento. Além disso, as variáveis de adesão e autocuidado são consideradas importantes para que os adolescentes se sintam independentes e satisfeitos.

Cassarino-Perez e Dell’Aglío (2015) investigaram processos de resiliência em

adolescentes com diabete melito tipo 1 (DM1), identificando fatores de risco e proteção. Participaram três adolescentes, entre 13 e 14 anos. Segundo as autoras

analizou-se o discurso dos entrevistados no que se refere à história de vida e convivência com o diabetes, e obteve-se que no passado as principais lembranças estão em torno do impacto do diagnóstico enquanto evento não normativo. Sentimentos de surpresa, medo, tristeza e insegurança permearam o passado dos três adolescentes e suas famílias. Após o susto inicial e a adaptação à nova rotina e cuidados específicos, os relatos do passado se concentram na entrada na adolescência, com mudanças importantes e novos desafios e dificuldades. A transição do cuidado de terceiros para o autocuidado, o aumento da socialização dificultando as dietas, o desejo de não ser diferente dos pares, a cobrança dos cuidadores, a limitação física e a superproteção, foram algumas das dificuldades citadas pelos participantes (CASSARINO-PEREZ; DELL'AGLIO, 2015).

Alguns fatores de risco considerados foram: contestação, impaciência, impulsividades, negação, colesterol alto, limitação física, apatia, reprovação escolar, rupturas de vínculos, conflitos com os pais, preconceitos, glicemia elevada, internação, dentre outros. Fatores de proteção considerados foram: aceitação, habilidades sociais, afetividade, vínculo, rede de apoio, práticas de exercícios físicos, bons índices glicêmicos, dentre outros.

4. CONCLUSÕES

Foi observado a partir dos dados, que há prevalência de grupos de pesquisa nas regiões Sudeste e Sul, indicando maior consolidação das pesquisas nas IES desses locais. A grande presença de mulheres nas pesquisas indica um perfil importante da participação feminina na produção de conhecimento desta área na Psicologia.

Sobre a formação histórica dos grupos, nota-se que a maioria dos grupos atuais foi formado após 2000, contudo a prevalência ocorre a partir de 2011. Isso sugere um engajamento relativamente recente de grupos voltados especificamente para a discussão da temática do presente estudo.

Sobre os temas, identificados nas produções da líder com mais produções dentre os grupos de pesquisa, Débora Dalbosco Dell'Aglio, nota-se que além do acolhimento institucional, também foram identificadas pesquisas sobre violência, comportamentos de risco e ensino. Com relação à violência, foram identificadas pesquisas sobre maus-tratos, violência familiar, violência no namoro e violência direta e indireta. Quanto a temático ensino, foi pesquisado sobre satisfação na escola, relação aluno-professor e desempenho acadêmico.

Sobre os estudos sobre comportamentos de risco (suicídio, uso de álcool e outras drogas, comportamento antissocial) e sobre situação de rua, onde se investigou serviços que fazem o acolhimento e intervenções com adolescentes em situação de rua e as famílias dessas pessoas. Nota-se nos artigos analisados a forte presença de estudos primários com adolescentes a partir da abordagem de pesquisa quantitativa com a utilização de escalas psicométricas para a análise de diferentes variáveis. Dessa forma, a prevalência de temas de pesquisa na Psicologia relacionados a situações de vulnerabilidade em que os/as adolescentes podem estar inseridos/as.

Identificou-se que a pesquisadora desenvolve trabalhos com adolescentes nas seguintes temáticas: satisfação escolar; serviço de atendimento em situação de rua; bem-estar subjetivo; violência e saúde mental; comportamento de risco. Isso também reflete nas produções de modo geral que foram identificadas, por ela ser a líder que mais publicou pesquisas no intervalo de tempo analisado.

Na produção dessa autora, foi identificada a prevalência de estudos quantitativos. Sobre esse aspecto, a própria autora em um de seus artigos aponta que estudos quantitativos apresentam a vantagem de trabalhar com uma amostra maior e investigar um conjunto grande de variáveis. Contudo, esta estratégia metodológica apresenta como limitação a inviabilidade de uma análise com maior profundidade para identificar sentidos e significados que as diferentes variáveis podem ter para adolescentes, famílias e outras pessoas significativas (ZAPPE; DELL'AGLIO, 2016, p. 108). Nesse sentido, também trazendo aspectos positivos e limitações desse tipo de abordagem de pesquisa.

Pode considerar para trabalhos futuros a análise de produções dos líderes de grupos de pesquisa que foram identificados no DGP ampliando o intervalo de publicações recentes, bem como a busca sistemática de produções sobre adolescência em revistas de Psicologia.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Cássia Ferrazza; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Percepção de apoio social de adolescentes de escolas públicas. **Revista de Psicologia da IMED**, v. 7, n. 2, p. 89-98, 2015a.
- ALVES, Cássia Ferrazza; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Apoio Social e Comportamentos de Risco na Adolescência. **Psico (Porto Alegre)**, Porto Alegre, v. 46, n. 2, pp. 165-175, abr.-jun. 2015b.
- ALVES, Cássia Ferrazza; ZAPPE, Jana Gonçalves; PATIAS, Naiana Dapieve; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Relações com a escola e expectativas quanto ao futuro em jovens brasileiros. **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente-SP, v. 26, n. 1, p. 50-65, jan./abr. 2015.
- BAÍA, Pedro Augusto Dias; VELOSO, Milene Maria Xavier; HABIGZANGC, Luísa F.; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco; MAGALHÃES, Celina Maria Colino. Padrões de revelação e descoberta do abuso sexual de crianças e adolescentes. **Revista de Psicologia**. v. 24, n. 1, p. 1-19, 2015.
- BIANCO, Ana Carolina Lo.; NICACIO, Erimaldo. O adolescente e o encontro com os impasses do sexual. **Cadernos de Psicanálise**, v. 37, n. 33, p. 71-84, 2015.
- BIRMAN, Joel. Adolescência sem fim? Peripécias do sujeito num mundo pós-ediípiano. In: CARDOSO, M. R.; MARTY, F. (orgs). **Destinos da adolescência**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008. p. 81-105
- BRASIL. LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em 09 fev. 2020.
- BLOS, P. **Adolescência**: uma interpretação psicanalítica. 1985. (Originalmente publicado em 1962).
- BORGES, Jeane Lessinger; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Desafios éticos na pesquisa com adolescentes: implicações da exigência do consentimento parental. **Revista da SPAGESP**, Ribeirão Preto, v.18, n. 2, p. 43-57, 2017.
- CALZA, Tiago Zanatta; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco; SARRIERA, Jorge Castellá. Direitos da criança e do adolescente e maus-tratos: epidemiologia e notificação. **Revista SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 1, p. 14-27, 2016.
- CARNEIRO, Cristiana; RIBEIRO, Leila Maria Amaral; IPPOLITO, Rita. Adolescência, Modernidade e a cultura dos direitos. **Interthesis**, v. 12, n. 1, p.176-191, 2015.
- CASSARINO-PEREZ, Luciana; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Processos de resiliência em adolescentes com diabetes Mellitus tipo I. **Psicologia em Estudo**, v. 20, n. 1, p. 45 - 56, jan. 2015.
- COELHO, Clara Cela de Arruda; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Clima escolar e satisfação com a escola entre adolescentes de ensino médio. **Psicologia: teoria e prática**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 265- 281, Apr. 2019.

COELHO, Clara Cela de Arruda; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Engajamento escolar: Efeito do suporte dos pais, professores e pares na adolescência. **Psicologia Escolar e Educacional**, Maringá, v. 22, n. 3, p. 621-629, Dec. 2018.

DGP. **Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil**. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/web/dgp/o-que-e/>. Acesso em: 02 Jan. 2020.

FINKLER, Lirene; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. O caso Ação Rua: intervenções com crianças, adolescentes e suas famílias. **Revista de Psicologia**, v. 9, n. 1, p. 107-116, 1 jan. 2018.

FINKLER, Lirene; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco; YUNES, Maria Ângela Mattar. A metodologia da abordagem social de rua na perspectiva de usuários adolescentes. **Psicologia em pesquisa**, Juiz de Fora, v. 11, n. 2, p. 22-32, dez. 2017.

GRECO-SOARES, Juliana Prytula; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Relações entre qualidade de vida e diabetes mellitus tipo 1 na adolescência. **Contextos Clínicos**. São Leopoldo, v. 9, n. 2, p. 159-167, dez. 2016.

JAHN, Guilherme Machado; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco, A Religiosidade em Adolescentes Brasileiros. **Revista de Psicologia da IMED**, Passo Fundo, vol. 9, n. 1 p. 38-54, Jan.-Jun. 2017.

NARDI, Fernanda Lüdke; HAUCK FILHO, Nelson; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Preditores do Comportamento Antissocial em Adolescentes. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 63-70, Mar. 2016.

GURSKI, Rose; PEREIRA, Marcelo Ricardo. A experiência e o tempo na passagem da adolescência contemporânea. **Psicologia USP**, v. 27, n. 3, p. 429-440, 2016.

OLIVEIRA, Adélia Augusta Souto de; TRANCOSO, Alcimar Enéas Rocha.; BASTOS, Juliano de Almeida; CANUTO, Livia Teixeira. Metassíntese: Apontamentos para Sistematização de Revisões Amplas e Crítica Interna à Produção Científica. In: **Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa**, 4, 2015, Maceió. Atas... Maceió, 2015.

PAIXÃO, Raquel Fortini; PATIAS, Naiana Dapieve; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Relações entre Violência, Clima Familiar e Transtornos Mentais na Adolescência, **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 11, n. 1, 109-122, 2018.

PATIAS, Naiana Dapieve; HEINE, Júlia Assumpção; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Bem-estar subjetivo, violência e sintomas de depressão, ansiedade e estresse em adolescentes. **Avaliação psicológica**, Itatiba, v.16, n. 4, p. 468-477, out. 2017.

PATIAS, Naiana Dapieve; SIQUEIRA, Aline Cardoso; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Imagens Sociais De Crianças E Adolescentes Institucionalizados E Suas Famílias. **Psicologia e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 29, e131636, 2017.

PATIAS, Naiana Dapieve; MACHADO, Wagner De Lara; BANDEIRA, Denise Ruschel;

DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Depression Anxiety and Stress Scale (DASS-21) - Short Form: Adaptação e Validação para Adolescentes Brasileiros. **Psico-USF**, Itatiba, v. 21, n. 3, p. 459-469, dec. 2016.

SILVA, Doralúcia Gil da; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Avaliação do bem-estar subjetivo em adolescentes: Relações com sexo e faixa etária. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 36, n. 2, p. 133- 143, jun. 2018.

SILVA, Doralúcia Gil da; GIORDANI, Jaqueline Portella; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Relações entre satisfação com a vida, com a família e com as amizades e religiosidade na adolescência. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v. 8, n. 1, p. 38-54, jun. 2017.

SOUSA, M. C.; MOREIRA, M. I. C. Adolescência em Camadas Populares: Particularidade e Singularidade na Trama Escolar. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 7, n. 1, p. 68-75, 2012.

TRANCOSO, A. E. R.; OLIVEIRA, A. A. S. Produção social, histórica e cultural do conceito de juventudes heterogêneas potencializa ações políticas. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 137-147, abr. 2014.

WHO. World Health Organization. Maternal, newborn, child and adolescent health: Adolescent development. 2016. Disponível em: http://www.who.int/maternal_child_adolescent/topics/adolescence/dev/en/ Acesso em: 30 jan. 2020.

WENDT, Bruna; DULLIUS, Luana; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Imagens Sociais sobre Jovens em Acolhimento Institucional. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 37, n. 2, p. 529- 541, junho, 2017.

ZAPPE, Jana Gonçalves; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Adolescência em diferentes contextos de desenvolvimento: risco e proteção em uma perspectiva longitudinal. **Psico** (Porto Alegre), Porto Alegre, v. 47, n. 2, p. 99-110, 2016a.

ZAPPE, Jana Gonçalves; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Variáveis pessoais e contextuais associadas a comportamentos de risco em adolescentes. **Jornal brasileiro de psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 65, n. 1, p. 44-52, Mar. 2016b.

ZAPPE, Jana Gonçalves; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Risco e proteção no desenvolvimento de adolescentes que vivem em diferentes contextos: Família e institucionalização. **Revista Colombiana de Psicologia**, Bogotá, v. 25, n. 2, p. 289-305, Dez. 2016c.

ZAPPE, Jana Gonçalves; YUNES, Maria Angela Mattar; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Imagens Sociais de Famílias com Crianças e Adolescentes: Impacto do Status Socioeconômico e da Institucionalização. **Pensando famílias**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 83-98, jul. 2016.